



Educação Ambiental Crítica na formação de professores da Educação do Campo: as conquistas atuais e desafios futuros da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil.

RESUMO: Esse trabalho relata a experiência realizada no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFBA, no trato da Educação Ambiental, dando ênfase aos princípios e pressupostos teórico-metodológicos, assim como aos principais conteúdos trabalhados no componente curricular de Educação Socioambiental. Apresenta os resultados e também o novo desafio de ampliar a pesquisa no componente citado, através da incorporação da Pedagogia Histórico-Crítica. Este trabalho procura contribuir para as propostas de currículos e projetos político-pedagógicos de formação de professores de Ciências/Educação do Campo na perspectiva crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores, Educação do Campo, Educação Ambiental Crítica, Pedagogia Histórico-Crítica.

OBJETIVO: Apresentar os princípios filosóficos gerais e pedagógicos da Educação Ambiental Crítica (EAC), com a meta de ampliar e consolidar as pesquisas e as práticas pedagógica referenciadas no Materialismo Histórico-dialético (MHD), assim como contribuir para as propostas de currículos e projetos político-pedagógicos (PPP) de formação de professores de Ciências e de Educação do Campo, na perspectiva crítico-marxiana; além de incorporar de forma explícita a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) como referencial pedagógico desse componente curricular, a partir do novo PPP do Curso de Educação do Campo que está sendo gestado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os Cursos de Licenciatura em Educação do Campo surgem no Brasil a partir das demandas históricas dos movimentos de luta pela terra, de suas experiências educacionais, de projetos desenvolvidos entre Universidades e Movimentos Sociais do Campo e da necessidade do estado brasileiro assumir o seu compromisso constitucional: a educação é um direito de todos. O Governo Federal assumiu esse compromisso oficialmente em 2008, quando teve início o projeto piloto formado por quatro universidades federais brasileiras, no qual a UFBA estava incluída.

O curso da UFBA teve início no segundo semestre de 2008, através da coordenação da Faculdade de Educação (FACED) da UFBA, e foi concluído em abril de 2013.

Peneluc, Magno da Conceição. Moradillo, Edilson Fortuna de. Pinheiro, Bárbara Carine Soares. Universidade Federal da Bahia. edilson@ufba.br. Categoria 2.



Em agosto de 2013 a FACED/UFBA fez um grande seminário avaliativo do curso, concluindo pela continuação do mesmo, com o objetivo de torná-lo permanente. Como as condições objetivas para a continuação do curso não estavam postas naquele momento, por falta de professores, funcionários técnico-administrativos e estrutura física, a continuação do curso ficou prejudicada. Nesse momento estamos retomando a proposta de tornar o curso permanente na UFBA e estamos no processo de reconfiguração do novo PPP do curso.

A Licenciatura em Educação do Campo tem a organização curricular por áreas do conhecimento com o objetivo de estimular o trabalho docente multidisciplinar. As áreas de conhecimento contempladas no curso são: Ciências da Natureza e Matemática, Ciências Agrárias, Ciências Humanas e Sociais, Linguagens e Códigos e, por último, Tecnologias da Informação e Comunicação. O objetivo maior é formar professores para a educação fundamental (anos finais) e média, consoante com a realidade social e cultural específica de cada região.

Pressupostos gerais do projeto político pedagógico do curso

Nos últimos anos temos procurado trabalhar com PPP's pautados nas categoria de totalidade, de dialética e de concreticidade, buscando sedimentar uma proposta inovadora, que leve em consideração uma nova forma de tratar e organizar o conhecimento, e conseqüentemente o currículo, proporcionando aos educandos uma visão crítica de mundo, — para além do cotidiano, do imediato —, capaz de propiciar um agir e pensar de acordo com as categorias da totalidade e da contradição dialética, mediadas pelo ato educativo.

Partimos do pressuposto de que o ser humano é um ser que tem como característica, para dar conta da sua existência, produzir o novo permanentemente, isto é, produzir a realidade objetiva, a realidade sócio-histórica, que chamamos genericamente de cultura. E a esse processo de produzir cultura chamamos de práxis social. Por isso, “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 2013, p. 6)”. Esta noção do ato educativo é fundamental para a premissa da PHC, de que a função primaz da escola é socializar os conhecimentos sistematizados construídos ao longo da história da humanidade.

O PPP de um curso que tem uma perspectiva sócio-histórica e crítica, tem que radicalizar na análise da realidade social a partir dos fundamentos do materialismo histórico e dialético, enquanto caminho para compreender e explicar a realidade social, assim como os problemas educacionais e ambientais.



Concepção de educação ambiental crítica

Trein (2012) esclarece que a EAC busca ponderar os processos de dominação da natureza em relação esses processos e a exploração dos próprios seres humanos, sob o modo de produção e de organização material e social capitalista. Em especial, coteja a produção de mercadorias em um cenário de alienação e reificação das relações sociais - enfatizando as consequências destrutivas para o meio ambiente e para o ser humano. Desta forma, para o educador ambiental crítico é reservada a tarefa de problematizar "as relações sociais que os homens estabelecem entre si e a que estabelecem com a natureza mediada pelo trabalho, que assumem essa face heterônoma, com grande poder destrutivo do ambiente e da vida humana. (Op. cit. p. 306)". Dessa forma, o Ambiente é o resultado das recíprocas relações entre sociedade e natureza num espaço e tempo concreto. É a expressão do nosso sociometabolismo, é a síntese da relação homem/natureza ao longo da história social (MÉSZÁROS, 2006).

Portanto, o termo "crítica", ao se referir à Educação Ambiental, com base no materialismo-histórico dialético marxiano, se refere à "negação teórico-prática e de superação dialética das relações alienadas inerentes ao modo de produção capitalista. Essas mesmas relações sociais constituem o metabolismo do capital, mediando a vida social em sua totalidade (LOUREIRO, 2015, p. 162)". EAC pode ser descrita, então, como uma síntese de práticas educativas que possui como compromisso social de historicizar criticamente as relações que o ser humano concretiza com a natureza, seja no âmbito produtivo (econômico), seja no âmbito político-ideológico. Isto quer dizer que deve-se pretender, além da mudança cultural, a mudança social - centrando atenção na sua "relação implícita com a mudança social, para além da sua relação presumida com a mudança cultural derivada da relação explícita com a mudança ambiental (LAYRARGUES, 2006, p. 4)".

Sobre a pedagogia histórico-crítica (PHC)

A PHC (SAVIANI, 2006) é uma pedagogia que mantém uma nítida relação entre conhecimento científico e vida cotidiana, com o objetivo de superar o cotidiano através da apropriação dos conhecimentos sócio-históricos, sistematizados e de relevância social. Deste modo, o método da PHC propõe partir de uma concepção desestruturada da prática social para estudar os conhecimentos científicos e, tendo estes sido estudados, retorna-se à discussão acerca da prática social com uma concepção menos espontânea e mais científica. O movimento realizado dentro da prática social se dá mediado por um aporte teórico, de modo que se estabelece uma dinâmica dialética entre teoria e prática.

A PHC está estruturada em cinco momentos/passos, que são: partir da prática social que estamos imersos; detectar um problema relevante de



interesse social e educacional; decompô-lo nas suas partes constitutivas, no qual a realidade sócio-histórica é o pano de fundo (o lógico e o histórico se articulam), mobilizando para isso os conhecimentos científicos relacionados com o problema (as máximas generalizações produzidas pela humanidade); produzir uma síntese do problema que rompe com o cotidiano, com as aparências; passando para o último momento que é elevar a consciência para apreender o problema pelas suas múltiplas determinações, elevando a explicação e compreensão da prática social a um patamar superior (SAVIANI, 2006).

METODOLOGIA

O paradigma de pesquisa aqui assumido - o marxismo -, os fatos aqui são considerados na sua relação dinâmica com seu contexto. O contexto reflete o horizonte de um determinado todo, ainda não explícito, uma totalidade indivisível repleta de objetivações e significados. Contudo, na busca da realidade concreta, que é a unidade entre o fenômeno e sua essência, é necessário (como foi nossa intenção) captar o movimento que caracteriza a estrutura da coisa, seu núcleo interno (KOSIK, 2011). Segundo Souza (2017, p. 65) "ao empregar o método histórico-dialético, busca-se evidenciar as particularidades históricas e sociais que configuram a articulação entre a singularidade e a generacidade." A compreensão do objeto só ocorrerá quando pesquisador se aproximar dele no sentido de se debruçar sobre suas determinações históricas e sociais, somente assim poderá superar o imediato (típico da expressão fenomênica da realidade) e alcançar dialeticamente a realidade una e contraditória (AGUIAR; SOARES, MACHADO, 2015). A investigação foi realizada por meio uma pesquisa qualitativa que utilizou o MHD como fundamento teórico-metodológico. O levantamento e o registro dos dados foi realizado através de observação sistemática e registro em caderno de bordo.

O componente curricular Educação Socioambiental foi proposto para discutir as questões ambientais, principalmente as relacionadas ao campo/rural; pois por meio dele é possível fazer emergir as contradições relativas aos conflitos sociais, políticos, éticos, ambientais e filosóficos que permeiam a sociedade atual. Incorporando também a articulação entre o específico e o geral, entre o singular/particular e o universal, cumprindo, dessa forma, o seu papel pedagógico dentro da concepção de formação de professores que defendemos.

Com base no MHD foi possível propor uma discussão no componente curricular Educação Socioambiental, as relações entre ciência, tecnologia e sociedade; ética e ambiente; a geopolítica mundial dominante, com sua dualidade estrutural: campo x cidade; as relações entre as formas de produzir conhecimento, bens materiais e relações sociais; assim como a assimetria social necessária para a reprodução do capital, com seus desdobramentos e



implicações no nosso sociometabolismo (MÉSZÁROS, 2006), levando, a rigor, a dois tipos de problemas, que se articulam e que se complementam no seu potencial destruidor: a destruição dos homens que tem que vender a sua força de trabalho para sobreviver e a destruição da natureza.

Assim, buscou-se possível elucidar com os licenciandos questões específicas do campo, a exemplo do agronegócio, da agroenergia (obtida a partir da biomassa), da segurança alimentar; a dialética escassez-poluição-acesso aos recursos do campo, sempre articulando com as questões mais gerais: com o desenvolvimento da agricultura através da história nas suas dimensões local, nacional e internacional; o acesso à terra por parte do agricultor familiar; o acesso a água de qualidade; a agricultura familiar x agronegócio.

RESULTADOS

Na turma piloto do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Ufba, onde essa concepção de educação ambiental foi colocada em prática, nem todos os estudantes conseguiram chegar ao final do curso no ápice daquilo que planejamos e executamos, contudo, podemos afirmar que a concepção ingênua de educação ambiental é superada, tornando clara a articulação entre homem (ser social) e natureza ao longo da história, para dar conta da reprodução social, tendo o trabalho como mediador primário, a natureza como nosso corpo inorgânico e a economia política como determinante dessa relação (produção, consumo e distribuição), com implicações no campo ético.

Neste momento, como desafio, pretendemos incorporar os passos da PHC para didatizar os três princípios norteadores da Educação Ambiental Crítica: pensar segundo a categoria de totalidade e de práxis; interpretar os fatos mediante a apreensão histórica do processo de construção da realidade socioambiental através da categoria trabalho e agir no sentido de possibilitar transformações necessárias à emancipação humana, possibilitando também que os estudantes possam usar essa prática pedagógica nas suas atividades escolares, relacionadas à educação ambiental ou a outros componentes curriculares.

CONCLUSÃO

No curso de Licenciatura em Educação do Campo compreendemos a Educação Ambiental como um processo de busca do conhecimento que deve resultar na aquisição de valores que conduzam a uma nova ética que permita aos indivíduos envolvidos atuar de modo crítico e engajado no meio em que vivem. Defendemos também que a aquisição do conhecimento fornece elementos para uma melhor compreensão da realidade e dos problemas que afetam o ambiente na atualidade.



A educação formal como um dos espaços coletivo para produção/reflexão de conhecimentos se torna hoje, mais do que nunca, desafiada para inserir nas suas práticas pedagógicas a análise crítica da questão socioambiental com o objetivo de construir significados que possam levar à superação do atual contexto sócio-histórico de degradação e exploração do homem e da natureza.

REFERÊNCIAS BOBLOGRÁFICAS

- Aguiar, W. M. J.; Soares, J. R.; Machado, v. C. (2015). Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*. v.45, n. 155, p. 56-75.
- Kosik, K. (2011). *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Layrargues, P. P. (2006). *Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social*. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P; CASTRO, R.C. de (Orgs.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental* (pp. 72-103). São Paulo: Cortez.
- Loureiro, C.F.B. (2015). Educação ambiental e epistemologia crítica. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*. Rio Grande, 32(2). 159-176.
- Marx, K. (1980). *O capital: o processo de produção do capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1(1).
- Mészáros, I. (2006). *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo.
- Saviani, D. (2013). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Souza, D. C. de. (2017). A construção histórico social de gênero: significados sociais e sentidos para professoras e professores de ciências. Dissertação de mestrado. UNESP, PPGEC. BAURU, SP.
- Trein, E. S. (2012). Educação ambiental crítica: crítica de que?. *Revista Contemporânea de Educação*. 7(14). 304-318.